

ANÁLISE DE ERROS: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS MOÇAMBICANOS

Maria João CARRILHO DINIZ
Universidade Eduardo Mondlane
(Maputo)

O trabalho que aqui pretendemos divulgar em jeito de comunicação constitui uma síntese dos resultados de uma pequena investigação que permitiu fazer uma experiência de análise de erros produzidos em Português, língua segunda. O referido estudo tem como objectivo fundamental apresentar uma hipótese de metodologia de análise de erros tomando como objecto de estudo e, a título de exemplo, a sintaxe da frase relativa.

1. Corpus

O material sujeito a análise é essencialmente escrito uma vez que a natureza limitada do trabalho não permitia abranger a oralidade o que, obviamente, torna-a ainda parcial. É constituído por 90 redacções, 2 de cada um dos 45 alunos da 4^a classe de uma escola dos arredores da cidade de Maputo. A recolha foi feita em 1981 por linguistas em serviço no INDE (Instituto de Desenvolvimento da Educação) e na UEM (Universidade Eduardo Mondlane), com vista à realização de um projecto sobre interferências que foi entretanto abandonado por razões diversas que não importa aqui apontar. Desde então o material do projecto tem sido utilizado para objectivos didácticos e de investigação, e alguns aspectos sobre erros já foram sistematizados. Neste sentido de continuidade relativamente à pes-

quiss no âmbito da língua Portuguesa em Moçambique, o estudo presente beneficia do material e das experiências já recolhidas por outras equipas embora mantendo a sua autonomia completa em relação aos outros, quer no que respeita ao corpus quer à metodologia.

As redacções recolhidas versam sobre os temas "os meios de transporte" e "os ladrões" tendo cada aluno elaborado uma sobre cada tema.

Todos os alunos preencheram uma ficha-inquérito, o que permitiu determinar o contexto socio-linguístico em que estão inseridos. O estudo dos dados do inquérito permitiu-nos chegar às seguintes generalizações a respeito das características dos alunos: na sua grande maioria possuem o Tsonga como sua língua materna; a idade oscila entre os 13 e os 16 anos, entraram para a escola com 8, 9, 10 e 11 anos, trazendo já um conhecimento mínimo do Português falado; todos preferem ouvir rádio na emissão em língua moçambicana; a maior parte só fala o Português na sala de aulas com a professora e com os colegas que eventualmente falem outra língua que não a sua. Portanto, a maioria dos alunos fala a sua língua materna fora da escola, no ambiente familiar e com os amigos.

2. Metodologia de análise

Para cada aluno elaborámos uma ficha individual onde se constam todas as frases relativas das suas redacções e as possíveis equivalentes na língua alvo, das que consideramos agramaticais, tendo em conta o contexto em que se inserem. Deste material organizámos um quadro sintético geral para permitir uma visão de conjunto das frases agramaticais analisadas, quadro esse que apresentamos em anexo.

A análise propriamente dita consiste em observar as produções dos alunos, encontrar para cada frase agramatical as suas equivalentes possíveis na norma do Português Padrão, identificar as regras gramaticais dessa norma, que foram "violadas", e pôr hipóteses explicativas sobre as causas desses erros. Assim, adoptamos a seguinte metodologia de análise:

1º - partir da frase agramatical e da equivalente provável de acordo com o contexto.

2º - comparar a estrutura de superfície da frase do aluno com a estrutura de superfície da equivalente correcta.

3º - apresentar a estrutura subjacente da equivalente correcta e, a partir dela descrever as regras de transformação com vista a determinar onde reside a agramaticalidade;

4º - estudar os mecanismos e as hipóteses subjacentes às causas dos erros, enquadrando essa reflexão no contexto linguístico, sociolinguístico e de aprendizagem do aluno, para daí deduzir as regras implícitas adquiridas e/ou por adquirir.

Optámos, pois, por um método de análise não contrastiva de erros; o factor interferência da língua materna não foi metodologicamente tratado embora o tenhamos considerado em alguns casos como hipóteses de explicação dos erros. Importância maior é atribuída ao processo de aquisição das regras gramaticais da língua alvo.

3. Síntese da análise de erros na frase relativa

Porque o nosso estudo não pretende ser exaustivo (assentando numa recolha e investigação limitadas), nem tão pouco tirar conclusões definitivas sobre o "modelo" da frase relativa produzida pelos alunos moçambicanos, e porque o nosso objectivo não é didáctico - no sentido de aproveitar os dados obtidos para uma acção imediata de tratamento do erro na turma de alunos deste corpus - mas de uma amostragem da metodologia de análise de erros e suas implicações, consideramos o corpus como um colectivo homogéneo e todas as observações servem com abrangendo a globalidade não havendo, portanto, preocupação em tratar sistemas individuais. Os dados numéricos em termos de percentagem de erros e não erros por

aluno não são analisados particularmente uma vez que consideramos não ser vantajoso pois partimos da base de que qualquer erro é representativo do conjunto; parece-nos importante, no entanto, fazer notar que em todos os alunos há erros na frase relativa e a sua ocorrência oscila entre 1 a 4 por aluno. Outro dado interessante é que recolhemos 312 frases relativas das quais 62, ou seja, cerca de 20% consideramos erro o que, embora aparentemente seja uma percentagem baixa, tem uma importância relevante porque é nessas frases que os alunos demonstram o seu grau de domínio de língua; são essas que implicam um manusear de estruturas mais complexas o que, naturalmente, origina o erro. Das frases correctas, menos de 1% são relativas cujo introdutor exerce funções oblíquas; nas restantes o introdutor é ora sujeito, ora objecto, o que facilita a construção da frase quer em termos de escolha do introdutor, quer na aplicação das regras. Isto justifica a percentagem relativamente alta de frases correctas.

3. 1. Classificação geral dos erros detectados

Da análise das produções dos alunos e tomando, pois, as realizações individuais como generalizáveis, podemos concluir de forma sucinta que os erros se localizam em:

3. 1. 1. - Introdutor - escolha lexical na marcação de funções sintáctico-semânticas de:

a) Oblíquo

Exs:

- "Aqui a frente da nossa escola há grande estrada que passa os meios de transporte".
- "Os carros que eu conheço os nomes deles são: (...)".
- "Infiltra as nossas casas e entram da janela momento

que nesta casa não esteja ninguém".

Os erros de marcação do oblíquo quer em restritivas quer em apositivas abrangem o locativo em relativas de SP verbal e frásico, o genitivo em relativas de SP verbal, e o tempo em relativas de SP frásico. Para marcação destes oblíquos há um uso generalizado do introdutor **que**, quer substituindo **onde**, locativo, quer por omissão de preposição a anteceder o pronome, para marcar o locativo, o genitivo e o tempo. Em algumas frases a preposição está presente no interior da frase sem **que**, no entanto, tenha sido movida para o início, de acordo com as regras transformacionais necessárias.

b) Sujeito

Ex:

- "Ele é apresentado às autoridades onde tomam medidas".
- "Que goste o ladrão é porque também é ladrão".
- "A pessoa que é de Magde enquanto está cá em Maputo..."

Para marcação do sujeito nas relativas restritivas com antecedente expresso são estratégias do aluno o uso do introdutor **onde** e **enquanto** em vez de **que**; nas relativas livres o aluno usa o introdutor **que**, não marcado, em vez de **quem** (+ humano).

Assim, o aluno utiliza **que**, **onde** e **enquanto**, como introdutores de marcação do sujeito.

Uma reflexão sobre os erros analisados permite-nos concluir que os introdutores usados pelos alunos são:

para marcação do oblíquo:

que

para marcação do sujeito:

onde

enquanto

que

Isto não implica necessariamente considerar que os alunos desconhecem os outros pronomes relativos. Embora o nosso objectivo não tenha sido analisar os "não-erros" de forma a descrever o sistema intermediário do aluno, o levantamento dos mesmos com vista à identificação de hipóteses de origem dos erros permitiu-nos verificar que outros introdutores, para além dos citados, são usados. Assim, onde aparece em algumas frases para marcar também o locativo, como por ex. em

- "Onde eu moro há uma estrada (...)"

- "Na localidade onde eu moro todos os dias passam muitos camiões (...)"

Quem é utilizado como sujeito como em

- "... quem tirou o curço é fácil robar..."

- "... não custa apanhar quem não sabe robar..."

Não há uso de introdutores do tipo preposição + pronome. Os pronomes relativos cujo, o qual, e quanto não são utilizados.

3. 1. 2. Transformação da frase

a) Marcação das funções sintáctico-semânticas

Exs:

- "Em Moçambique existem muitos ladrões. que esses ladrões roubam muito".
- "já temos os Irerus para as pessoas entrarem limpas e irem a qualquer lado onde que o senhor que-
res ir.

São aqui abrangidos o sujeito e o locativo; verifica-se que o aluno marca duas vezes, na mesma frase, estas funções sintáctico-semânticas. No caso do sujeito a marcação é feita por *que* e por um anafórico do antecedente. Para o locativo dá-se também o mesmo tipo de ocorrência em algumas frases, e noutras surge a sequência *onde que*, ou seja, dois introdutores, um locativo e outro neutro. Há por vezes uma separação entre a subordinante e a relativa, através da colocação de um "ponto final", o que as assemelha a uma sequência de duas frases simples.

b) Encaixamento da relativa na estrutura de subordinação.

Exs.:

- "Que pode levar as pessoas para o Hospital também a ambulância é o transporte".
- "Os meios de transporte que nós vimos são transportes muito importantes para todos nós. que são Lada, Landrover, (...)"

Agrupámos neste item as frases relativas não encaixadas na subordinante. O aluno coloca a relativa quer no início da frase complexa, ou seja, antes da subordinante, quer depois da subordi-

nante separando o introdutor do seu antecedente; marca por vezes a separação das duas frases através do "ponto final", o que torna a construção semelhante a uma sequência de duas frases simples como acontece na marcação das funções sintáctico-semânticas.

3. 2. EXPLICAÇÃO DOS ERROS

3. 2. 1. Na escolha do introdutor

A caracterização dos erros deste corpus implica necessariamente uma reflexão sobre os factores que parecem influenciar tais realizações.

Centrar-nos-emos em primeiro lugar na escolha do introdutor. Como já pudemos constatar há, nas frases produzidas, um uso generalizado do pronome que para marcar qualquer função sintáctico-semântica. Ora, sabemos que o introdutor da frase relativa pode ser um pronome relativo ou um advérbio com a mesma função acompanhado ou não de preposição, consoante o antecedente a que se refira ou o sintagma verbal em que esteja inserido. Portanto, a escolha do introdutor de acordo com a sua função sintáctico-semântica exige o domínio no uso dos pronomes e advérbios com função de relativo, e das preposições. As frases analisadas demonstram falta desse domínio. Podemos considerar em primeiro lugar as interferências da língua materna o factor principal que influencia essas realizações. Partindo da base de que para a grande maioria destes alunos a língua materna é o Tsonga ou outra língua bantu, parece útil referir algumas características das línguas bantu com implicações para a realização da frase relativa em Português. Assim, de forma sistemática podemos dizer que:

- O sistema de concordância dos pronomes relativos é diferente do Português. Há concordância de género e número com o antecedente, incluindo as classes locativas, mas o mecanismo de concordância na marcação da função sintáctica é diferente: em Português os pronomes relativos são morfemas independentes enquanto que nas línguas bantu eles realizam-se no interior da classe nominal;

- As preposições são poucas nas línguas bantu, não sendo uma classe independente: são construções derivadas de nomes;

- O mecanismo de expressão do que em Português se nomeia como "verbos preposicionais" é diferente no grupo linguístico Bantu: enquanto que em Português essa expressão é feita de forma lexicalizada (combinação de 2 morfemas), nas línguas bantu ela é feita morfológicamente, originando uma única unidade lexical;

- Ao contrário do que se passa na língua Portuguesa que indica as relações de lugar, quase sempre, por meio de preposição, as Línguas Bantu usam, na maior parte dos casos, a flexão específica de locativo: esta flexão específica permite distinguir "o lugar onde", de "o lugar para onde" ou "aonde" por meio de sufixação.

Parece, portanto, haver à partida razões que permitem considerar muito provável a influência do factor interferência da língua materna nas frases realizadas. Contudo, outras hipóteses impedem que tomemos este factor como único determinante. Assim, é sabido que a subordinação relativa para além de ser uma área de tensão de sintaxe universal, é-o no caso específico da Língua Portuguesa uma vez que a sua construção implica, como já referimos, o domínio da estrutura complexa de subordinação, no uso de preposições, advérbios e locuções. Dados do Português Fundamental parece terem já atestado a frequência da omissão, em Portugal, das preposições de marcação do locativo e do tempo nas construções relativas orais, principalmente em contextos em que a entoação se revela suficiente. Embora no nosso corpus se trate de material escrito, parece válido o dado acima mencionado se considerarmos que aquando da análise das frases no trabalho aqui referido constatámos ocorrências que considerámos prováveis "traduções" directas da língua oral; é também nosso parecer que tais ocorrências são normais no estágio de aprendizagem da Língua Portuguesa dos alunos do nosso corpus. Convém notar a este propósito que o programa de Português do ensino primário, na altura em que o corpus foi constituído, não previa a introdução da frase complexa e, portanto, também da relativa: ela só seria feita nas quinta e sexta classe. Ora, ea-

tando os alunos na quarta classe e considerando esta como sendo o quarto ano de aprendizagem da língua, parece normal que a frase relativa ainda não esteja completamente dominada. Mas ainda mais importante é que a observação sistemática da linguagem de pessoas de diferentes camadas sociais e formações no nosso país nos permite considerar ser vulgar a não marcação sintáctico-semântica do introdutor quer por omissão de preposição, quer por troca de pronome ou advérbio com a mesma função na oralidade e na escrita. As seguintes frases (escritas) de dois professores de Português da Faculdade de Educação, bacharéis, dão prova dessas realizações:

- "O livro que me falaste ontem desapareceu."
- "Os alunos que os testes são fracos têm que fazer uma segunda prova."

Ora, parece possível assim alvitrar-se a hipótese de se tratar de uma realização diferente da norma mas já corrente em Moçambique. Porém, tornar esta afirmação válida em definitivo não nos compete nem a recolha se pode considerar suficiente.

Em síntese, parece-nos pois, prudente considerar as realizações aqui tomadas com erro na escolha do introdutor como normais e explicadas quer por interferência da língua materna, quer por complexidade inerente à própria Língua Portuguesa, quer ainda pela oferta linguística fornecida ao aluno.

2. 2. Na transformação da frase

A análise dos erros incluídos neste item permite-nos, sem muita hesitação, considerar que a sua ocorrência demonstra claramente que o aluno ainda não domina todas as regras de transformação da frase simples para a relativa. A marcação de funções sintáctico-semânticas através de dois "introdutores", a colocação da relativa antes da subordinante correspondente e mesmo a construção de seqüências de frases simples com marcas de subordinação, são estraté-

gias que consideramos características de uma fase intermédia de aprendizagem da língua; como fizemos notar na análise, este tipo de realizações é também vulgar em crianças moçambicanas cuja língua materna é o Português, entre os quatro e os seis anos de idade. Assim, embora nos pareça que outras hipóteses de explicação por nós levantadas sejam lógicas, consideramos que a razão principal dos erros incluídos neste item é o domínio incompleto das regras, normal na fase de desenvolvimento da língua em que o aluno se encontra, tendo em vista a situação escolar e sociolinguística em que o mesmo está integrado.

Perece-nos, pois, possível concluir que grande parte dos erros aqui referidos encontram a sua explicação no facto de o aluno ainda estar em fase de desenvolvimento da língua não possuindo, portanto, o domínio completo das regras de produção da frase relativa. Dizemos grande parte porque consideramos que nalguns casos haverá naturalmente outras razões implicadas, muito provavelmente relacionadas com a orientação escolar, mas que não abordamos no âmbito desta investigação por ultrapassar os limites da análise que nos propusemos fazer.

ANEXO

Quadro Geral dos Erros

I. - Introdutor

1. - Escolha lexical na marcação de funções sintáctico-semânticas

1.1. - Marcação do oblíquo

1.1.1. - Frase relativa de SP verbal

a) - Locativo

F(1) - "Aqui a frente da nossa escola há grande estrada que passa os meios de transporte."

F(2) - "... e depois entrou naquela casa que entrou o ladrão."

F(3) - "Onde eu moro há uma estrada que todos os dias passam os transportes."

b) - Genitivo

F(4) - "Os carros que eu conheço os nomes deles são: (...)"

F(5) - "Os meios de transporte que eu via as marcas deles são: (...)"

F(6) - "Outros têm os seus chefes que depois no fim do mês recebem."

1.1.2 - Frase relativa de SP frásico

a) - Locativo

F(7) - "Além das machambas nos bairros que a falta de água andam a distribuir nesses bairros."

b) - Tempo

F(8) - "Infiltra as nossas casas e entrarem da janela momento que nesta casa não esteja ninguém."

F(9) - "Num dia que iria roubar na casa dessa pessoa você vai passar muito mês."

F(10) - "Mandar alguém vir-te chamar no momento que sai da casa para ir falar com a pessoa os outros. Entra do outro lado roubar."

1. 2. - Marcação do sujeito

F(11) - "Ele é apresentado às autoridades onde tomam medidas."

F(12) - "Que gosta o ladrão é porque também é ladrão."

F(13) - "A pessoa que é de Nagude enquanto está cá em Maputo..."

II. - Transformação da frase

1. - Marcação de funções sintáctico-semânticas

1.1. - Sujeito

F(14) - "Em Moçambique existem muitos ladrões que esses ladrões roubam muito."

F(15) - "Em Moçambique há muitos ladrões que eles roubam muito."

1.2. - Locativo

F(16) - "Já temos os Ikarus para as pessoas entrarem limpas e irem a qualquer lado onde que o senhor queres ir."

F(17) - "A frente da nossa escola há uma estrada grande, que nele passa todos os dias bicicleta, ladas, (...)"

F(18) - "Os meios de transporte podes ir onde que tu quiseres."

F(19) - "Onde que tinha gurdado rádio já não há rádio."

2. - Encaixamento

2.1. - Frases restritivas

F(20) - "Que pode levar as pessoas para o Hospital também a ambulância é o transporte."

F(21) - "... e o Machimbombo é um transporte mais rápido para longa distância que nós podemos utilizar."

2.2. - Frases apositivas

F(22) - "Os meios de transporte conseguem levar pessoas e carga para um lugar muito longe ou fora do país. que também transportam selecções nacionais de futebol."

F(23) - "Os meios de transporte são muitos que pode transportar-nos até onde nós queremos ir."

F(24) - "Os meios de transporte que nós vimos são transportes muito importantes para todos nós. que são Lada, Landrover. (...)"